

Serviços mantêm ritmo no PIB do 3º tri e pressionam inflação

Desempenho do setor no PIB do terceiro trimestre é puxado pela demanda das famílias

Por **Marcelo Osakabe** — De São Paulo

04/12/2024 05h01 · Atualizado há 5 horas

Apesar de a atividade ter perdido fôlego entre o segundo e o terceiro trimestre, o setor de serviços - que responde por 70% da economia brasileira, pela ótica da oferta - manteve avanço expressivo. O desempenho, observam economistas, foi puxado pelo consumo das famílias, que também se fortaleceu no período, resultados que colocam mais pressão sobre o Banco Central no controle da inflação.

Segundo o IBGE, o setor de serviços cresceu 0,9% no terceiro trimestre, na comparação com trimestral, mesma taxa observada no período anterior. Já o consumo das famílias avançou 1,5% entre julho e setembro, acelerando em relação ao 1,4% registrado entre abril e junho.

“A composição desse número mostra uma dinâmica que traz preocupação para o Banco Central, olhando para possíveis novas pressões de inflação vindas da atividade”, afirma a economista da Buysidebrazil Mirella Hirakawa.

André Nunes, economista-chefe do Sicredi, ressalta que serviços e indústria de transformação - outro destaque do PIB do terceiro trimestre - são setores cíclicos, mais sensíveis à política monetária, o que reforça que o BC terá trabalho para levar a inflação à meta.

“É bom verificar que o crescimento não foi superior a 1%, no sentido de que a desaceleração acontece. Mas esses setores mais sensíveis à política monetária continuam com crescimento alto. E, pensando no hiato do produto calculado pelo Banco Central, ele provavelmente não cedeu, pelo contrário, e isto corrobora altas maiores da Selic”, nota o economista, que revisou sua projeção de PIB para 2024 de 3,3% para 3,5% após o dado.

“

Setores mais sensíveis já sentem a política monetária mais restritiva”

— Alex Agostini

Para Natália Cotarelli, economista do Itaú Unibanco, a surpresa em relação às projeções do banco para os serviços ficou concentrada em duas linhas: a categoria outros serviços, bastante associada aos serviços demandados pelas famílias, e serviços financeiros e seguros. Em relação ao primeiro - que emendou o sexto trimestre consecutivo de avanço, renovando sua máxima histórica em todos -, pesaram a favor da alta de 1,7% problemas na contabilização dos dados de uma grande empresa do setor, algo que foi captado já na Pesquisa Mensal de Serviços. Essa incorporação tardia acabou gerando revisões desde 2023, o que não era antecipado pelos analistas, diz.

Já o segundo expandiu 1,5% no terceiro trimestre, também acelerando em relação ao período anterior (1,4%). Neste ramo, diz **Thiago Xavier**, da **Tendências**, o destaque, mais uma vez, foi o setor de seguros, que vem mostrando crescimento robusto há algum tempo.

“Tirando o seguro para veículos, que é mais consolidado, o mercado tem se expandido por uma combinação de maior demanda e diversificação de produtos”, diz. “Toda a parte de seguros imobiliários, investimentos, agronegócio e também parcerias público-privadas têm mostrado um ganho estrutural”, comenta.

Outra categoria que vem surpreendendo reiteradamente é a de “informação e comunicação”, diz Xavier. O segmento registrou crescimento de 2,1% no trimestre, ante 1,6% no período anterior. “É uma atividade bastante relacionada com investimentos das empresas em software, serviços e computação na nuvem. A gente imaginava que a corrida em direção ao varejo e outros serviços on-line fosse normalizar em algum momento depois da pandemia, mas este momento ainda não chegou”, diz.

Essas duas categorias, inclusive, exemplificam como o setor de serviços não cresce apenas baseado no consumo final das famílias, mas também nas pressões pelo lado da oferta, ressalta Xavier. O setor de tecnologia da informação, que concentra atividades de software e de nuvem, registrou crescimento de 4,4% no terceiro trimestre, no cálculo já dessazonalizado, segundo dados da PMS. Já o prêmio de seguro deflacionado cresceu 5% no período, repetindo o bom desempenho do trimestre anterior, segundo dados da Superintendência de Seguros Privados compilados pela **Tendências**.

Outro bom termômetro da demanda das famílias, o comércio teve resultado ligeiramente acima do esperado nas contas do Itaú - alta de 4,1%, contra expectativa de 3,9%. O bom desempenho já era esperado, na esteira de um consumo mais firme sustentado pelo mercado de trabalho pujante, diz Cotarelli.

Olhando adiante, a perspectiva é de desaceleração de serviços, em linha com o restante da economia. Além dos juros mais altos, os economistas citam o impulso fiscal menor, que reduz a demanda disponível, e também a inflação mais salgada.

“Setores importantes como construção civil e serviços de utilidade pública, mais sensíveis ao nível da taxa de juros, já começam a sentir o impacto da política monetária mais restritiva. Isso significa que as próximas divulgações devem mostrar um efeito mais intenso, até porque agora o mercado espera uma Selic ainda mais alta, o que eleva o juro real da economia”, diz o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini.

Para ele, o varejo pode ter uma piora da performance, já que atividades importantes como comércio bens duráveis é bastante dependentes do crédito. “Vamos calibrar com cuidado as projeções. A gente achava, três meses atrás, que esse motor baseado mercado de trabalho aquecido alimentando consumo das famílias, que alimenta emprego, iria arrefecer mais rapidamente, e isto não tem ocorrido”, diz Xavier, da **Tendências**.